
“TUDO JUNTO E MISTURADO?”: a infância contemporânea no diálogo entre crianças e adultos

Raquel Gonçalves Salgado()*
*Anabela Rute Kohlmann Ferrarini(**)*
*Rayany Mayara Dal Prá(***)*
*Rayssa Karla Dourado Porto(****)*

INTRODUÇÃO

As crianças, a cada dia, atestam experiências e saberes que desafiam os conhecimentos e os discursos historicamente produzidos sobre a infância e estabelecidos como paradigmas que definem e demarcam esse tempo de vida. O que é próprio da infância, se há, ainda, aspectos que a delimitam como um tempo de vida diverso dos demais? O que as crianças dizem, fazem, valorizam e significam como marcas de seu tempo de vida? O que os adultos têm a dizer sobre esses modos de viver a infância, interpelados que são por suas próprias histórias de vida e por valores seculares que consagram uma suposta “essência da infância”? Estas são algumas das questões que norteiam as análises que aqui fazemos em torno da infância contemporânea a partir de uma perspectiva intergeracional.

Neste texto, trazemos para a discussão os diálogos entre crianças e adultos sobre diversas experiências de infância, ocorridos em dois contextos de pesquisa distintos. O objetivo da investigação é compreender tanto os discursos das crianças sobre o que identificam como próprio de seu tempo de vida quanto os dos adultos sobre como as crianças hoje se apresentam, atravessados por valores que marcam as suas histórias de infância.

As experiências das crianças no universo contemporâneo revelam quão diluídas estão as fronteiras entre infância e idade adulta, tempos de vida tão distintos entre si, porém, historicamente atravessados um pelo outro. É, portanto, neste mundo globalizado e midiático que essas experiências vêm assumindo conotações cada vez mais próximas e semelhantes daquelas consideradas como específicas da vida adulta. Crianças e adultos participam de duas categorias geracionais que se constroem e reconstroem num fluxo ininterrupto; são conectadas e interdependentes: uma não pode existir sem a outra, numa relação alteritária que não cessa de se processar e reinventar.

(*)PPGEdu/UFMT/Rondonópolis. E-mail: ramidan@terra.com.br.

(**)PPGEdu/UFMT/Rondonópolis. E-mail: anelaFerrarini@hotmail.com.

(***)UFMT/Rondonópolis. E-mail: ray_may_@hotmail.com.

(****)UFMT/Rondonópolis. E-mail: rayssa90@gmail.com. Agências Financiadoras: CAPES e FAPEMAT

Ao tratar da infância sob uma perspectiva intergeracional, por meio da escuta e do reconhecimento do que dizem adultos e crianças sobre suas experiências na cultura contemporânea, nos são importantes, também, os discursos sobre o ser criança e o viver a infância na contemporaneidade, buscando, nesse diálogo, compreender os sentidos atribuídos a esse tempo de vida tanto por aqueles que hoje a vivem – as crianças –, quanto por aqueles que já a viveram – os adultos (mães e professoras).

Como principal fundamentação teórica, temos os estudos realizados no campo da sociologia da infância, que nos permitem compreender as crianças como atores sociais, capazes de interpretar e transformar a cultura com a qual interagem, bem como a infância como categoria geracional socialmente constituída.

A metodologia da pesquisa caracteriza-se por dois vieses: a compreensão da infância a partir da alteridade estabelecida entre crianças e adultos – professoras e mães –; e a intervenção por meio da criação de espaços de discussão sobre a infância contemporânea junto às crianças e aos adultos. Para tanto, são realizados grupos de discussão, que se materializam sob a forma de oficinas voltadas para questões relativas à infância e realizadas em duas situações distintas. Uma delas é conduzida junto às professoras e às crianças, com idades entre cinco e seis anos, de três turmas do segundo agrupamento da educação infantil, de duas escolas da rede pública municipal de ensino de Rondonópolis, Mato Grosso, que frequentam o Laboratório de Ludicidade “Prof^a. Dr^a. Soraiha Miranda de Lima” (Brinquedoteca), da Universidade Federal de Mato Grosso, em Rondonópolis. A outra situação transcorre em uma escola da rede pública estadual, na mesma cidade, em uma turma do 3º ano do ensino fundamental, com crianças de oito anos, as mães e a professora dessa turma. O principal objetivo dessas oficinas é suscitar uma discussão, entre as crianças e os adultos, sobre os objetos culturais que hoje são compartilhados por esses sujeitos e suas implicações nos modos como as experiências da infância contemporânea têm se configurado.

INFÂNCIA E VIDA ADULTA: RELAÇÕES INTERGERACIONAIS NA CONTEMPORANEIDADE

Na perspectiva da sociologia da infância, a criança, tal como o adulto, define-se como um sujeito que se constitui na história e na cultura e também produz culturas. Nesse sentido, a infância, assim como a vida adulta, é entendida como uma categoria social e geracional. Crianças e adultos representam alteridades radicais na vida cotidiana e protagonizam experiências de vida constituídas a partir de temporalidades distintas, produzidas pela interação com um mundo material em constante transformação. (JOBIM E SOUZA; SALGADO, 2008, p. 208). Como aponta Corsaro

(2011), na sociologia da infância, coexistem dois conceitos centrais: primeiramente, que as crianças são agentes sociais, ativos e criativos, produzindo tanto sua própria cultura infantil quanto colaborando com a produção das sociedades adultas e, segundo, que a infância é uma forma estrutural, uma categoria geracional que permite compreender a sociedade em que ganha corpo ao constituir-se e constituir essa própria sociedade.

Olhar para a criança no presente, ao invés de vê-la como um sujeito cujo valor está em seu futuro, é o desafio teórico lançado pela sociologia da infância para compreender os sentidos e as experiências da infância (QVORTRUP, 2010; MAYALL, 2003; SARMENTO, 2005). É na relação entre crianças e adultos, afirma Mayall (2003), que o conceito de infância se define e redefine, assim como o conceito de vida adulta. Não há experiência ou sentido da infância que não se constitua em uma relação alteritária com a vida adulta. Os modos como crianças e adultos intercambiam experiências, significados e papéis sociais em diferentes culturas, tempos históricos e momentos da vida fazem da infância um conceito de muitas faces, cujos sentidos têm no presente sua matriz. Nessa perspectiva, “a infância é concebida como uma categoria social do tipo geracional por meio da qual se revelam as possibilidades e os constrangimentos da estrutura social”. (SARMENTO, 2005, p. 363).

Debruçando-nos sobre o presente da infância, na primeira década do século XXI, em plena era da cibernética e da ampliação da rede dos meios de comunicação na produção cultural, uma diversidade de práticas sociais e culturais tem colocado desafios para os paradigmas que até então sustentam a compreensão da infância. Vivemos visíveis transformações nas relações humanas e nas formas de perceber, sentir e conhecer o nosso entorno. Transformações estas que, sem dúvida, trazem impactos sobre os modos de se relacionar com as experiências subjetivas e alheias. Dessas transformações, as relações entre as gerações também não saem ilesas. Fronteiras são diluídas e demarcadas, papéis e lugares sociais são definidos e redefinidos, sobretudo em se tratando da relação entre crianças e adultos.

É possível perceber que o comportamento, a linguagem, as atitudes, os desejos e mesmo a aparência física de adultos e crianças estão se tornando cada vez mais indistintos, o que nos revela uma “possível inadequação provocada pela imagem dos anos: um calendário que quase sempre nos torna muito pequenas ou pequenos, demasiado velhas e velhos, por demais jovens”. (LLORET, 1998, p. 23). Vivemos permeados por expectativas vinculadas aos nossos anos de vida e projetadas para o futuro, em especial, quando nos referimos às crianças em alteridade com os adultos. Nosso ideário projeta sobre elas determinados comportamentos e linguagens que entram em confronto com a infância concreta que aí está, transitando entre o que se espera de uma criança ou adulto.

Para uma compreensão mais detida sobre as relações intergeracionais, reportamo-nos ao conceito de geração, tal como este foi introduzido por Karl Mannheim, na primeira metade do século XX. Para o sociólogo, geração remete a uma situação social, apesar dos fatores biológicos e antropológicos que sobre este fenômeno incidem. São, portanto, as relações sociais o alicerce que confere à geração uma localização histórica. Para além de ser definida a partir do critério etário, que demarca um grupo de pessoas que nasceram num mesmo momento histórico, a geração abarca a constituição de uma situação material e simbólica que permite o sentido de pertença a uma coletividade (TOMIZAKI, 2010). Assim, para se constituir como membro de uma geração não basta compartilhar a idade, mas ter em comum uma mesma situação sócio-histórica ou condições de existência, que dizem respeito ao acesso aos bens materiais e simbólicos disponíveis em uma determinada cultura. No interior de uma geração, comungam-se, por sua vez, modos de perceber o mundo e de se situar nesse mundo segundo os valores e as referências compartilhadas.

Tomizaki (2010) destaca três elementos importantes que abarcam o fenômeno geracional: a idade, a situação de classe e o conjunto de experiências compartilhadas. No entanto, há diferentes níveis de participação no fenômeno geracional, como ressalta Mannheim (1982), desde a situação de geração, em que predomina a partilha do tempo histórico e traz ao sujeito apenas a potencialidade de participar de uma geração, até a unidade de geração, na qual se constroem vínculos entre os sujeitos que os implicam e envolvem no destino da geração, constituindo o que o sociólogo denomina como “entelêquia da geração” (p. 92).

Muito mais do que transmitir a herança cultural dos mais velhos para os mais novos, a ideia de geração e o seu fundamento, em Mannheim (1982), remetem ao rejuvenescimento do tecido social. Apenas o nascimento de uma pessoa, afirma Mannheim (1982), abre possibilidades para um novo destino e a composição de um novo conjunto de experiências. A emergência do novo, por outro lado, destaca o autor, acarreta algumas perdas dos repertórios culturais acumulados.

Para além das perdas ou ganhos, do esquecimento do inventário ou do anúncio da novidade, no encontro/confronto entre as gerações, interessa-nos, quando ressaltamos aqui o caráter intergeracional desta pesquisa, os elementos que se constituem na relação com o outro e se desdobram em alterações mútuas. Trata-se, como declara Tomizaki (2010), de um processo de mão dupla, em que “as gerações se influenciam mutuamente” (p. 341). A socialização, nesta perspectiva, afasta-se e muito da transmissão vertical do inventário cultural, defendida por Durkheim, na qual a geração mais velha, por ser portadora dos saberes e das experiências, educa a geração mais nova, receptáculos passivos dessa herança, com vistas à manutenção do *status quo*. O encontro de gerações como o espaço/tempo da socialização faz com que este processo se desenrole por meio de

disputas e alianças, que traçam continuidades e geram rupturas de “determinados ‘modos de geração’”. (TOMIZAKI, 2010, p. 342. Grifo da autora).

Confrontos intergeracionais sempre existiram na história da sociedade humana. Para Mannheim (1982), as gerações estão em um estado de interação constante, o que ameniza essa tensão entre os mais novos e os mais velhos: não apenas o adulto educa o jovem, mas também o jovem educa o adulto. No mundo atual, esses confrontos têm se mostrado ainda mais intensos, atravessados que são pelos discursos das mídias e pelo acesso às novas tecnologias. As crianças transitam com certa autonomia e competência nesse universo midiático e tecnológico no qual vivemos, o que estremece o imaginário adulto sobre a infância. Ao transgredirem normas e papéis sociais estabelecidos, elas criam novas possibilidades de relacionamento que rompem fronteiras geracionais.

Para Buckingham (2007), o domínio das crianças sobre os aparatos tecnológicos lhes confere uma autonomia que se configura a partir de formas culturais que caracterizam a cultura infanto-juvenil, que são excludentes para os adultos. Dornelles (2005) define essas crianças como *crianças cyber*, ou *cyber-infantes*, membros de uma geração globalizada, participantes ativas dos sistemas tecnológicos, que acessam diversos meios de comunicação, informação e entretenimento, sem necessitar do auxílio do adulto. Não raramente, são os adultos que delas recebem ajuda para manusear e controlar diferentes aparelhos eletrônicos.

“É PORQUE É TUDO MISTURADO, DE CRIANÇA E DE ADULTO!”: OUTROS MAPEAMENTOS DA INFÂNCIA E DA IDADE ADULTA NA CONTEMPORANEIDADE

Como bem argumentam Jobim e Souza e Castro (2008), a partir do momento em que a criança é considerada como um sujeito com saberes legítimos, e não somente como um objeto a ser conhecido, todo o contexto da pesquisa e as relações estabelecidas com a criança são submetidos a essa perspectiva. Em vez de pesquisar a criança com o propósito de melhor conhecê-la, passa-se a pesquisar com a criança as experiências socioculturais que ela compartilha com as pessoas de seu convívio.

A pesquisa em pauta se caracteriza como intervenção, devido ao fato de se constituir, para crianças e adultos, como um espaço de problematização e discussão de questões relacionadas à vida cotidiana no mundo contemporâneo. O trabalho com oficinas como estratégia metodológica proporciona debates profícuos sobre assuntos relativos à infância e às relações entre crianças e adultos na vida contemporânea. Nessa perspectiva, a intervenção define-se, sobretudo, nos modos

de conceber as relações entre os sujeitos que participam da pesquisa e o pesquisador, uma vez que estas consistem, ao mesmo tempo, em objeto de investigação e postura metodológica, dada a instauração de espaços desencadeadores de debates entre os diversos sujeitos envolvidos na pesquisa. Nessa dupla dimensão, tanto as crianças quanto as professoras e as mães não são apenas informantes de dados a serem traduzidos pelo texto analítico do pesquisador, mas se apresentam como sujeitos que também constroem conhecimentos e refletem sobre suas próprias concepções, valores e experiências.

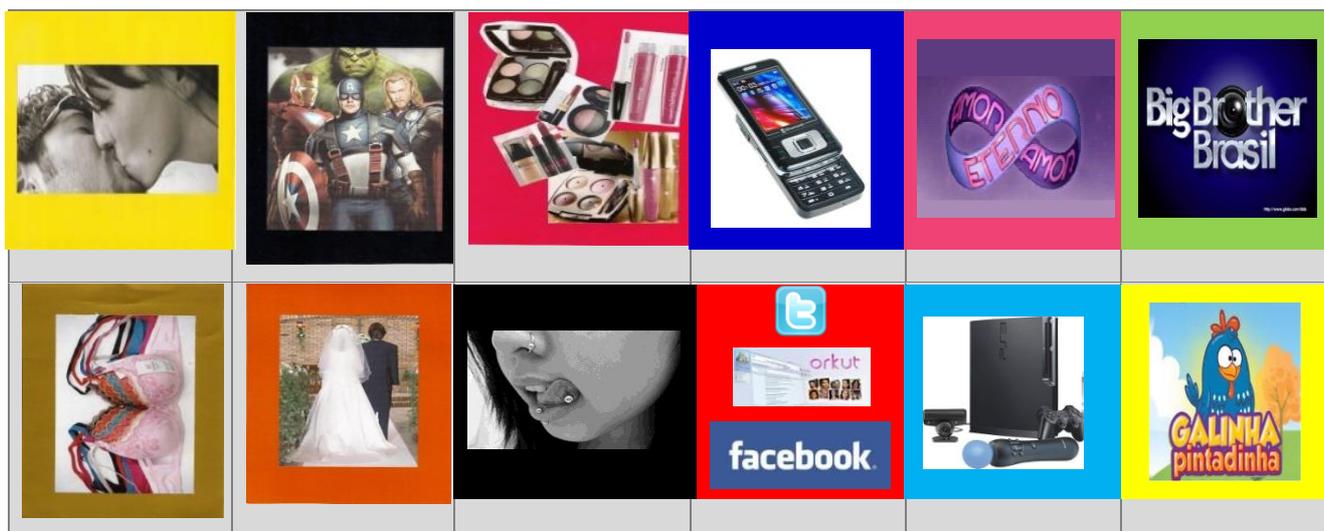
Conforme destacamos anteriormente, a pesquisa se desenvolve em duas situações distintas, nas quais são realizados grupos de discussão, sob a forma de oficinas voltadas ao debate sobre questões relativas à infância. A primeira situação é conduzida junto a três professoras, um auxiliar e aproximadamente sessenta crianças, com idades entre cinco e seis anos, de três turmas do segundo agrupamento da educação infantil, de duas escolas da rede pública municipal de ensino de Rondonópolis, Mato Grosso, que frequentam a Brinquedoteca, da Universidade Federal de Mato Grosso, em Rondonópolis. A outra situação transcorre em uma escola da rede pública estadual, na mesma cidade, em uma turma do 3º ano do ensino fundamental, com dezenove crianças de oito anos, três mães e a professora da turma.

Na Brinquedoteca, foi realizada, com as três turmas, em ocasiões diferentes, a oficina *Imagens & Ideias*, que consistiu no uso de imagens¹ de produtos, situações sociais, publicidade, programas de TV, redes sociais e objetos diversos como elementos disparadores de reflexão. Diante das imagens relacionadas a situações do cotidiano, à mídia ou aos recursos tecnológicos presentes em nosso convívio social, dispostas, de forma aleatória, numa única caixa, as crianças e as professoras foram convidadas a organizá-las em outras três: a *caixa das crianças*, onde seria disposto aquilo que apenas as crianças usam; a *caixa dos adultos*, onde seria guardado o que é somente dos adultos; e a *caixa dos dois*, onde seria posto o que ambos usam. Crianças e adultos decidiram como arrumar as figuras nas caixas apresentadas, justificando o porquê de suas escolhas.

Na escola, essa mesma oficina efetivou-se de modo diferente, sendo realizada com as crianças e a professora numa única ocasião; e com as mães, separadamente, porém, seguindo as mesmas regras quanto à organização das imagens. Em virtude da dinâmica da programação televisiva e dos sucessos musicais, por exemplo, e do intervalo entre uma e outra situação de

¹ Notebook; skate; esmalte; maquiagem; cerveja; refrigerante; sutiã; dinheiro; celular; caderno e lápis; cigarro; esponja e detergente; Galinha Pintadinha; cartão de crédito; chave de carro; ferramentas; beijo; “BBB”; “Insensato Coração”; “Jornal Nacional”; tatuagem; piercing; casamento; absorvente; barbeador; surf; Orkut; Facebook; Twitter; Ivete Sangalo; Cláudia Leitte; Luan Santana; Calypso e Levanóiz.

pesquisa, algumas referências foram substituídas, enquanto outras foram acrescentadas². No quadro 1 abaixo, destacamos algumas das imagens utilizadas nos dois contextos investigados.



Quadro 1: Amostra de Imagens da Oficina “Imagens & Ideias”

Com esse trabalho, nosso principal objetivo foi suscitar uma discussão entre as crianças e os adultos sobre os objetos culturais que hoje são compartilhados por esses sujeitos e suas implicações nos modos como as experiências da infância contemporânea têm se configurado.

Na Brinquedoteca

A primeira turma a participar da oficina na Brinquedoteca foi a turma da professora MC³, seguida das turmas das professoras CI, com sua auxiliar CA, e MA. Os resultados obtidos estão representados nos gráficos 1, 2 e 3 apresentados abaixo.

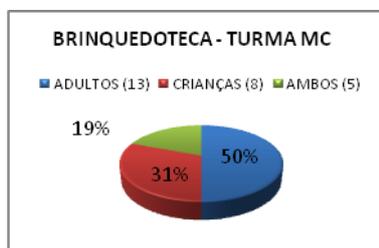


Gráfico 1: Turma MC

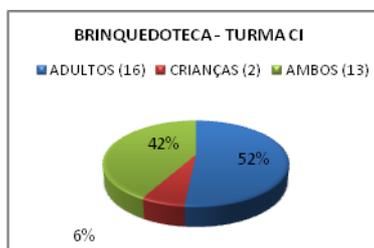


Gráfico 2: Turma MA

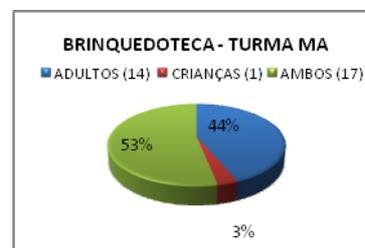


Gráfico 3: Turma CI

Como podemos observar nos gráficos acima, exceto na turma de MC, há uma presença significativa de imagens na caixa de ambos (adultos e crianças). Quando esta categoria não predomina, quase atinge a porcentagem da caixa dos adultos, outra categoria que reúne uma

² “Avenida Brasil”; “Cheias de Charme”; “Amor Eterno Amor”; “A Fazenda”; “Pânico na Band”; cards do Pokémon; chapinha; filme “Os Vingadores”; escola; “Fantástico”; “Rei Davi”; videogame. Na atividade realizada com as mães, também foi utilizada uma figura de brincadeiras de rua.

³ Para preservar a identidade dos sujeitos que participam da pesquisa são utilizadas as iniciais de seus nomes.

quantidade expressiva de figuras. Esse dado nos permite refletir sobre como figuras que, há décadas atrás, notoriamente representariam elementos e situações do mundo adulto, hoje, ganham visibilidade também nas experiências da infância. “É porque é tudo misturado, de criança e de adulto!” – ML, da turma de MA, nos diz quando questionada se o Jornal Nacional⁴ é coisa de criança ou de adulto. A resposta da menina deixa nítida a ausência de fronteira entre esses dois mundos, a mistura, a comunhão de objetos culturais que, na vida contemporânea, passam a ser compartilhados por sujeitos que a modernidade nos ensinou a ver e situar em espaços e tempos tão distantes e díspares.

Um aspecto a ser destacado no decorrer dessas oficinas é a apropriação lúdica que as crianças fazem das novas tecnologias nos modos como justificam a sua presença em suas vidas cotidianas. O computador, o celular, a internet, entre outros aparatos tecnológicos, são manipulados por elas para brincar, posto que grande parte das crianças refere-se à internet como um contexto de jogo. Sarmiento (2005) afirma que a inserção de aparatos tecnológicos, como o computador e videogame, tem alterado parcialmente o tipo de brinquedos e o tempo/espaço lúdico das crianças, dando origem a novas linguagens e uma cultura consumidora de tais tecnologias. Há, portanto, um diferencial nas experiências que crianças e adultos constroem com as tecnologias, embora estas estejam fortemente presentes na vida das crianças, assim como estão na vida dos adultos. Objetos culturais e tecnológicos são, sem dúvida, elementos que rompem fronteiras etárias ao se constituírem como linguagens e meios de comunicação compartilhados por crianças e adultos, que aproximam essas duas gerações.

A pesquisadora Raquel retira a foto de um notebook da caixa e pergunta:

Raquel: Isso aqui é o quê?

PG: É um notebook.

L: É um computador.

Raquel: É um computador?

PG: É MSN.

Raquel: Mas o que é o MSN? Me explica, PG.

PG: Porque a gente joga a Fazendinha.

Raquel: Ah! No MSN joga a Fazendinha?

Crianças: É!

⁴ Telejornal veiculado à noite pela Rede Globo, às 20:30h.

Raquel: O que é a Fazendinha? É um jogo?

PG: Jogo que tem um bicho, galinha, vaquinha...

(Oficina realizada no dia 10/06/2011, com a turma da professora CI)

A pesquisadora Raquel mostra a imagem de um telefone celular.

Raquel: Gente, o que que é isso?

(As crianças falam juntas que “é um celular” e elas “também têm um”)

Raquel: Vocês já têm celular?! Eu não acredito! E vocês usam celular pra quê?

S: Pra jogar!

A: Pra ligar, pra mandar mensagem!

Raquel: Ligar pra quem?

Crianças: Pra mamãe! Pro tio! Pra tia!

Raquel: Qual caixa que a gente vai colocar o celular?

Crianças: Na verde também! (correspondente à caixa de adultos e crianças juntos)

(Oficina realizada no dia 15/06/2011, com a turma da professora MA)

Programas de televisão, como o *reality show* “Big Brother Brasil 11”⁵, novelas; cantores e bandas de música pop, como Ivete Sangalo, LevaNóiz, Luan Santana; acessórios, como estojo de maquiagem e roupas, também, alteram a cartografia da infância e da vida adulta no cenário contemporâneo. São produtos culturais que, cada vez mais, atravessam as fronteiras etárias para se consolidarem definitivamente como intergeracionais. Na esfera do consumo, o princípio da universalidade se impõe de modo a cada dia mais intenso. Nessa lógica, a idade não pode se apresentar como um diferenciador, dada a vocação para o consumo, como declara Bauman (2008, p. 73), que todos, sem exceção, precisam manifestar como se fosse um direito e um dever humano universal.

A pesquisadora Raquel mostra a imagem do cantor Luan Santana.

Crianças: É o Luan Santana!!!

Raquel: O Luan Santana! E aí?

M: É pra criança e pra adulto! Eu já fui no show!

Raquel: É pra criança e pra adulto, M?

⁵ Programa do gênero *reality show* veiculado pela Rede Globo, às 22:15h. O BBB 11 foi ao ar no período de 11 de janeiro a 29 de março de 2011.

Crianças: A gente conhece!

Raquel: Gente, eu não conheço nenhuma música dele. Vocês conhecem?

(As crianças cantam em coro uníssono umas das canções do cantor)

Raquel: E o que que a gente faz com o Luan Santana, em qual caixa?

(As crianças batem na tampa da caixa verde, que corresponde à caixa intergeracional)

(Oficina realizada no dia 15/06/2011, com a turma da professora MA)

Por outro lado, ainda no tocante aos usos das novas tecnologias, é salutar a distinção que as crianças estabelecem entre elas, consideradas pequenas, e as mais velhas. Há experiências que, mesmo fazendo parte da infância, não estão presentes na vida de todas as crianças indiscriminadamente, como é o caso do uso da rede social Orkut. Dentro da própria categoria infância, as crianças erguem fronteiras etárias. Como Sarmiento (2005) aponta, geração é um conceito que visa abarcar as interações de membros da mesma faixa etária, ao mesmo tempo em que há distinções dentro dessa categoria.

A pesquisadora Luma apresenta a imagem da logomarca da rede social Orkut.

PN: Eu sei, tia, é de computador.

Luma: É de computador?

RA: É de criança e de adulto.

Luma: O PN disse que é de computador, alguém mais já viu isso no computador?

KE: As crianças de sete anos já jogam.

JR: A minha irmã também joga.

Professora: Mas ela tem isso aí?

JR: Tem, mas desinstalou.

Luma: Então, a gente vai colocar em qual caixa? Dos adultos, das crianças, ou dos dois?

PN: Dos dois.

(Oficina realizada em 15/06/2011, turma da professora MA)

A polêmica entre o que pode ou não fazer parte da infância também se instaura nas oficinas, como podemos observar no diálogo a seguir:

(A pesquisadora Anabela mostra a imagem de um kit de maquiagem e as meninas dizem que usam).

Anabela: É... mas, então, elas tão dizendo que usam, professora! Maquiagem é pra criança ou pra adulto?

Professora CA: Maquiagem é pra adulto, porém as crianças também usam maquiagem de criança, mesmo sendo de criança eu não gosto que use.

Anabela: Não gosta, professora? Por quê?

Professora CA: Porque... é que cada pele de criança tem uma característica, mesmo sendo pra criança pode haver alguma irritação na pele, eu já vi casos de criança se empolar, fazer um tratamento longo, porque era de criança e utilizou, e também tem crianças que passam um lápis, né? Passam tudo isso, passam batom, esmalte... cadê... BI? Mostra pra ela... Olha que lindo!

As crianças decidiram colocar o kit na caixa dos dois.

(Oficina realizada em 10/06/2011, turma da professora CI)

Ainda que se admita a presença de determinados objetos na vida das crianças, as ressalvas quanto a esse fenômeno, no discurso do adulto (professora), trazem à tona a proteção que reaviva as distinções etárias e de papéis sociais, marcadas pelos cuidados que cabem aos adultos manifestarem às crianças.

Na escola

A pesquisa com as crianças e os adultos na escola trouxe os dados indicados nos gráficos 4 (crianças e professora) e 5 (mães). O gráfico 4 aponta que 23 das 37 imagens usadas na oficina foram dispostas na caixa daquilo considerado próprio para uso tanto de crianças como de adultos. Os itens identificados como exclusivos dos adultos somaram doze, e a caixa das coisas de criança recebeu apenas dois.

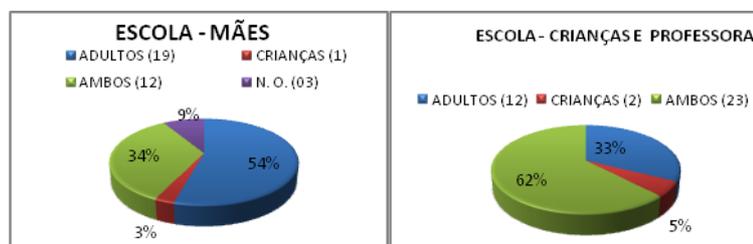


Gráfico 4: Mães

Gráfico 5: Crianças e professora

Os resultados revelam que as crianças significam como próprios de seu tempo de vida objetos, situações e serviços tradicionalmente associados ao mundo adulto, como, por exemplo, a novela “Avenida Brasil”⁶, o *reality show* “Big Brother Brasil”⁷, o esmalte, a maquiagem, telefone

⁶ Novela veiculada no horário das 21:00h pela Rede Globo.

celular e as redes sociais. Algumas escolhas são unânimes, outras demandam discussão, ou a delimitação segundo algumas “normas” não escritas, mas amplamente aceitas entre as crianças. No primeiro caso, temos como exemplo a participação nas redes sociais, com crianças que se opõem veementemente à sua inclusão na caixa das crianças. KF argumenta que as redes são somente para os adultos, pois existem casos de pessoas que, por meio delas, enganam as crianças. No segundo, temos o uso de esmaltes e maquiagem, que, para as meninas, fica restrito aos tons claros, especialmente o rosa.

A “classificação indicativa” dos programas de televisão é muito mencionada pelas crianças, que, embora demonstrem confiar na determinação estabelecida pelo Ministério da Justiça, se comportam de modo contraditório: acham correta a medida e, simultaneamente, a ignoram. Isso se dá em função da ausência, por parte dos adultos, de uma confirmação ou orientação a respeito. Na maioria das vezes, relatam que são elas quem decidem se devem ou não assistir. Questionada se criança poderia assistir à novela “Avenida Brasil”, AC responde que: “poder, não pode. Mas a gente vê mesmo assim”.

Indagadas sobre o uso dos telefones celulares, as crianças entendem que essa tecnologia serve para baixar arquivos da internet, principalmente fotos e vídeos.

A: Tem pai que é muito safado, porque fica vendo mulher pelada [...].

M: [...] os pais gravam aquelas coisas, sabe, peitos de mulher pelada! Os pais estão muito sem-vergonha. Só os pais, as mães, não.

(Oficina realizada em 15/05/2012)

Estas declarações, carregadas de censura ao comportamento dos pais, vão além da questão sobre o que as crianças podem ou não assistir ou ter acesso. Revelam que o papel do adulto como referência ou modelo está totalmente fora do lugar tradicional. Aqueles que deveriam conduzir-se de acordo com o que supostamente ensinam, baseado em uma moral que afasta o sexo da vida das crianças, e diga-se de passagem, um dos princípios fundadores do sentimento de infância na modernidade, são os que mais o fazem.

O fragmento a seguir mostra que as crianças, nas relações com as mídias, conseguem, como argumenta Buckingham (2007), discernir entre realidade e ficção.

J: [...] na Avenida Brasil apareceu o Batata e a Rita casando lá...

Pesquisadora Anabela: Mas afinal, criança pode casar?

⁷ Programa do gênero reality show exibido pela Rede Globo, às 22:15h, no período de 10 de janeiro a 29 de março de 2012.

L: Na novela eles casaram, ela se vestiu de noiva.

M: Na novela é uma coisa, na vida real é outra.

Pesquisadora Anabela: Peraí! Como é isso de na novela é uma coisa...

M: As pessoas inventam as coisas...

Pesquisadora Anabela: Na novela?

M: É, isso. Aí pega um papel e vai lendo o que tá escrito. Não é de verdade. Na novela eles te dão um papel e você decora.

(Oficina realizada em 15/05/2012)

O menino M vai além dessa distinção, revelando, ainda, conhecimentos sobre o processo de produção da novela. Ao associar as histórias dos personagens a uma narrativa anteriormente produzida, demonstra conhecer a natureza do gênero ficcional que caracteriza esse texto midiático. K lembra que, em uma reportagem, soube que há países onde meninas são obrigadas a casar, pois seus pais “combinam, e elas precisam obedecer”. Indagada sobre como se sente a respeito disso, a menina afirma que jamais aceitaria se casar sendo ainda criança.

No gráfico 5, aparecem os resultados da oficina realizada com as mães. Foram utilizadas 35 imagens, das quais dezenove foram colocadas na caixa das coisas permitidas somente para os adultos. As figuras, representando aquilo considerado como adequado às duas categorias geracionais, totalizaram doze. A única figura selecionada para a caixa das coisas exclusivas da infância foi a das brincadeiras de rua.

Ao contrário das crianças, as mães admitem não conhecer o conteúdo de três dos produtos midiáticos expostos na oficina: a novela “Amor Eterno Amor”⁸; a minissérie “Rei Davi”⁹; e o filme “Os Vingadores”¹⁰. Dessa forma, veem-se como incapazes de classificá-los. Mesmo as crianças que não assistem à novela, por exemplo, ou que não viram o filme, são capazes de falar sobre estes. É uma característica da geração eletrônica, confirmada junto às crianças: embora não tenham acesso ao texto original, obtêm informações em outras fontes, como os comerciais e a internet.

Assim como as crianças, as mães se manifestam acerca da classificação indicativa dos programas de TV, como mostram os excertos a seguir:

⁸ Novela transmitida pela Rede Globo, no horário das 18:00h.

⁹ Minissérie veiculada pela Rede Record, no período de 24 de janeiro a 03 de maio de 2012, às 23:00h.

¹⁰ O filme “Os Vingadores” (The Avengers), da Marvel Studios, estreou no Brasil no dia 27 de abril de 2012.

D: Mas quando é para doze, quatorze anos, até dez, eu falo: esse você não pode assistir. Mudamos o canal, para algo instrutivo, de criança.

L: Acho que não tem muita importância, não. Às vezes, eu vejo que elas assistem escondido. Eu chego na sala e é aquela correria pra mudar de canal. A gente que decide. Então, eu digo que não e pronto.

J: Lá em casa já não rola regra, não. A própria H quando vê que tem cena de beijo, essas coisas... ela já sai da sala...

(Oficina realizada em 14/06/2012)

D e L usam a autoridade materna como forma de tentar regular o acesso das filhas à programação classificada como imprópria ou que elas mesmas julgam inadequada. J, uma jovem mãe de 22 anos, é a única que declara não impor muitas regras à filha que, em última instância, é quem decide o que assistir ou não. Esse dado vai ao encontro daquilo que as crianças já haviam destacado durante a oficina realizada com elas, ou seja, a ausência de um posicionamento claro dos pais faz com que, inúmeras vezes, sejam elas as responsáveis por essa decisão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutir a infância contemporânea, que dialoga, usa e domina os recursos midiáticos e tecnológicos com autonomia, sob uma perspectiva intergeracional, é uma tentativa de compreender os sentidos atribuídos à infância tanto por quem hoje a vive – as crianças –, quanto por quem já a viveu – os adultos. As crianças violam as regras e os papéis sociais instituídos, dando margem ao surgimento de novas possibilidades de relacionamento capazes de romper fronteiras geracionais.

Distantes e, ao mesmo tempo, tão próximos, infância e idade adulta, de fato, compõem outra cartografia dos tempos de vida e das experiências que os singularizam na contemporaneidade, atravessadas que são pelos discursos da mídia, pelos usos das novas tecnologias e pelo consumo. Distantes porque, ainda que as crianças cotidianamente atestem saberes, competências e valores que as autorizam ingressar e habitar espaços tradicionalmente considerados como territórios adultos, as imagens historicamente desenhadas da infância, como tempo da inocência e da preparação para o futuro, ainda se impõem nos discursos e nas práticas dos adultos. Próximos porque as crianças concretas, habitantes deste mundo cuja cultura globalizada, com seus avanços tecnológicos e comunicacionais, não cessa de devastar fronteiras de toda ordem – as etárias não escapam disto –, trazem as imagens da infância no presente, desenhadas em espaços que, cada vez mais, tocam-se e se misturam com aqueles ocupados pelos adultos.

Todas as esferas da vida social não ficam ilesas diante dessa nova cartografia: família, escola, economia, ciências. No entanto, é a educação que mais nos incita aqui a refletir: se as crianças e a infância se transformam, nós, adultos, em nossas concepções e práticas, somos provocados a nos transformar e nos posicionar criticamente e com responsabilidade diante dos desafios e dos apelos hoje postos pela cultura do nosso tempo às novas gerações.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- BUCKINGHAM, D. *Crescer na era das mídias eletrônicas*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- DORNELLES, L. V. *Infâncias que nos escapam: da criança de rua à criança cyber*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- JOBIM E SOUZA, S.; CASTRO, L. R. Pesquisando com crianças: subjetividade infantil, dialogismo e gênero discursivo. In: CRUZ, S. H. V. (Org.). *A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas*. São Paulo: Cortez, 2008. p. 53-78.
- _____; SALGADO, R. G. A criança na Idade Mídia: reflexões sobre cultura lúdica, capitalismo e educação. In: SARMENTO, M. J.; GOUVÊA, M. C. S. (Orgs.). *Estudos da infância: educação e práticas sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008a. p. 207-221.
- LLORET, C. As outras idades ou as idades do outro. In: LARROSA, J.; LARA, N. P. (Orgs.). *Imagens do outro*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- MAYALL, B. *Sociologies of childhood and educational thinking – professional lecture*. London: Institute of Education, University of London, 2003.
- MANNHEIM, K. O problema sociológico das gerações. In: FORACCHI, M. M. (Org.). *Karl Mannheim: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1982. p. 67-95.
- QVORTURP, J. A infância enquanto categoria estrutural. In: *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 36, n. 2, p. 631-643, 2010.
- SARMENTO, M. J. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. In: *Revista Educação e Sociedade*, Campinas: Cedes, v. 26, n. 91, p. 361-378, 2005.
- TOMIZAKI, K. Transmitir e herdar: o estudo dos fenômenos educativos em uma perspectiva intergeracional. In: *Revista Educação e Sociedade*, Campinas: Cedes, v. 31, n. 111, p. 327-346, 2010.
- XIMENES, R. R. L. (Org.). *Classificação indicativa: informação e liberdade de escolha*. Brasília: Ministério da Justiça; Departamento de Justiça, Classificação, Títulos e Qualificação; Secretaria Nacional de Justiça, 2009.

RESUMO

O foco deste texto é discutir as experiências da infância na contemporaneidade numa perspectiva intergeracional. Crianças e adultos participam de grupos de discussão voltados para questões relativas à infância em duas situações distintas: na Brinquedoteca da Universidade Federal de Mato Grosso, em Rondonópolis, com crianças da educação infantil e suas professoras; e na escola, com crianças do ensino fundamental, suas mães e a professora. Evidencia-se a participação das crianças em situações sociais, das quais emergem outras experiências de infância. Por outro lado, entre os adultos, aparece a perplexidade diante da quebra de uma imagem tradicional da infância quando confrontada com experiências e saberes manifestos pelas crianças.

Palavras-chave: Infância. Relações Intergeracionais. Contemporaneidade.

ABSTRACT

The focus of this article is to discuss the childhood experiences in contemporaneity through an intergenerational perspective. Children and adults take part in discussion groups aimed at questions related to childhood in two different situations: in the toy library of the Federal University of Mato Grosso, in Rondonópolis, with preschool children and their teachers; and in the school, with elementary school children, their mothers and the teacher. We evidence children participation in social situations, from which emerge another childhood experiences. Otherwise, between adults, perplexity appears in front of the break of a traditional image of childhood when it is confronted with experiences and knowledge expressed by children.

Key words: Childhood. Intergenerational relationships. Contemporaneity.

Recebido em: janeiro de 2013

Aprovado em: fevereiro de 2013